

PROSSEGUEM COM GRANDE ANIMAÇÃO OS FESTEJOS PROMOVIDOS NA ALAMEDA DE FARO PELO SPORTING FARENSE E COM O PATROCÍNIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE FARO.

ANO VII — N.º 185

JULHO

19

1959

AVENÇA



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO

Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRÁFICA LOULETANA

Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ



EPÍLOGO

DE UMA DISCUSSÃO PARLAMENTAR

Depois de larga discussão, terminou o debate que, na Assembleia Nacional, se travou sobre a reforma da Constituição Política. Apreciamos a independência e elevação com que se versaram problemas do que chamamos verdadeira alta política, quer a propósito da Chefia do Estado que não foi, nem tinha que ser, tratada de ex-professo quer no que respeitou à proposta preambular.

Nesta, achamos curioso como a tese, sempre escondida e disfarçada do ateísmo, triunfou (sem se proferir uma palavra contra Deus) sobre os que afirmavam-O nas premissas acabavam por O negar na conclusão...

Se concebemos que, no que toca a verdades relativas porque o são, de transtorno não compreendemos como, convencidos de uma Verdade que se reputa absoluta, como seja Deus, se pactue com o erro e o respeitamos, mormente quando a posição contra Ele não implica conduta imposta em violência às consciências alheias.

Dizer que se reconhece Deus por não O discutir, mas agir como se se tratasse de pessoa da vizinhança a quem cumpre dar apenas os bons dias e as boas tardes ou que se chama para fazer número nas festas de nossa casa, não me parece atitude coerente.

Cindir, como se faz, o político do cristão é, se não nos falece a inteligência, cindir o homem, é admitir duas personalidades, uma

para ser usada de chinelos, outra para ser vivida sob a casaca. Os argumentos foram bem especiosos.

Para não ferir as minorias, foi um deles.

Então, em homenagem às minorias, deveria banir-se o crucifixo das escolas, não se ensinar a moral cristã, eliminar-se da própria constituição, a disposição normativa que limita os poderes do Estado à moral tradicional, que outra não é que a cristã... revogar o preceito constitucional que estabelece ser o Estado Português um Estado Corporativo contra o que, mais que contra Deus, têm barafustado as oposições.

Não reputamos a rejeição do projecto preambular uma atitude de receio, mas ela marca, sem dúvida o triunfo dos que, não tendo o ambiente propício para uma luta aberta, vão marcando posição na atmosfera da moleza e de meias tintas de que, quase sempre, se sai para os caminhos da perdição.

Se se pretendeu, como se disse, prestar serviço à Igreja cremos ter sido suficiente para o desmentir a declaração do sr. Cardeal Patriarca de Lisboa cuja voz, em nome d'Ele é bastante mais autorizada.

Estamos por isso com os senhores deputados que aprovaram a proposta.

J. R.

Metendo a foice em seara alheia

Encontrei-me desta feita verdadeiramente embaraçado para cumprir a minha promessa de colaboração em «A Voz de Loulé». Não foi o caso que o assunto me faltasse, pois escrevi uns três ou quatro artigos sobre temas diferentes. Mas qual!... Chegava ao fim e dizia para comigo: que pode isto interessar às gentes do Algarve?... E toca de rasgar a papelada!

Ah! como é enervante esta situação de não se encontrar o as-

sunto que se quer, ou as palavras capazes de traduzirem com clareza o nosso pensamento.

A limitação que me impunha de só escrever sobre coisas que pudessem interessar aos leitores deste jornal, estava a tornar-se numa verdadeira tortura do pensamento.

Não! Isto de limitações não é para o homem. No entanto, há muitos que a sofrem!

Não vistes há pouco as ameaças que pesaram sobre aquele escritor russo que se viu constrangido a renunciar ao Prémio Nobel, só porque não limitara convenientemente o pensamento

(Continuação na 3.ª página)

Gincana automobilística em FARO

Está despertando muito interesse em todo o Algarve a Gincana Automobilística que o Sporting Clube Farense vai promover no próximo dia 26 do corrente (domingo) no Estádio S. Luís.

Já está assegurada a inscrição de numerosos concorrentes, sendo atribuídos valiosos prémios que incluem 30 taças.

FILARMÓNICA Artistas de Minerva

A fim de abrilhantar a procissão de Nossa Senhora do Carmo, deslocou-se a Faro no passado dia 16 do corrente esta prestimosa banda da nossa terra.

Sob a hábil direcção do seu maestro sr. Virgílio Viegas, efectuou esta banda, no passado dia 15 do corrente, um concerto no coreto da Avenida José da Costa Mealha, o qual foi muito apreciado pelo numeroso público que passeava no belo recinto agora febrilmente iluminado.

DE LISBOA

Carta não importa a quem

Quiz o sr. Manuel Guerreiro Pereira ter a gentileza de se referir à nossa última carta por entender que em parte lhe seria dirigida, pelo facto de ser o tesoureiro da Comissão do Monumento ao Dr. Bernardo Lopes.

Agradecemos a explicação que nos foi dada e julgamos que terá agradado a todas as pessoas a quem ainda poderá interessar que seja erguido numa praça de Loulé um monumento àquele saudoso médico, mas queremos frisar que não era nossa intenção pretender saber onde estaria o dinheiro recebido nem qual o quantitativo. Sabíamos que estava em boas mãos e acreditamos que todos os louletanos disso estarão certos, porque o sr. Manuel Guer-

reiro Pereira é pessoa muito séria e como tal considerada em Loulé. Falámos do dinheiro simplesmente por acharmos que já era tempo de lhe dar a aplicação adequada, pois entendemos que, se a subscrição estivesse apenas em projecto (como em projecto está o monumento) o melhor seria fazer a vontade às pessoas que já não se preocupam com esse assunto, e pôr de parte a ideia de concretizar uma obra que consideramos de inteira justiça erguer. E parece-nos fácil deduzir o despreendimento dessas pessoas: já nada esperam do Dr. Lopes. O Dr. Lopes morreu e já não pode fazer favores a nin-

(Continuação na 3.ª página)

ACTUALIDADES

Relataram os jornais, há dias, que uma empresa de grande fôlego se propunha construir um hotel de turismo na praia de Armação de Pera, desde que a Câmara de Silves dotasse a referida praia com água e esgotos, melhoramentos estes considerados hoje indispensáveis ao progresso de qualquer terra, seja ela cidade, vila ou aldeia.

Por comunicação recebida da Casa do Algarve, em Lisboa, acabamos de saber que o sr. Ministro das Obras Públicas se interessa pelo assunto e acaba de ordenar que as povoações de Algôz, Alcantarilha, Pera e Armação de Pera sejam urgentemente abastecidas de água.

A «A Voz de Loulé», órgão devotado aos interesses regionais, não pode ficar indiferente a uma

obra que vem, de certo modo, dar novo incentivo à vida da Província, criando o ambiente onde se geram os grandes empreendimentos. O nosso interesse não pode deixar de se associar ao de todos aqueles que querem mais e melhor para a sua província, a começar pela Casa do Algarve, em cuja direcção bem se vê que há um escol de gente capaz, gente dinâmica que não quer a cabeça só para dormir e sonhar, antes colocam-na ao serviço da Grei, ao serviço da sua província, como é mister nos filhos agradecidos aos seus progenitores. Agradecemos à Casa do Algarve tudo quanto vem fazendo em prol da sua província, nomeadamente o interesse que põs na solução da questão

(Continuação na 2.ª página)



A PRAIA de QUARTEIRA voltou a encher-se de todos, de vida, de alegria, de mocidade ávida de novas emoções que sempre proporciona o contacto com o mar nestes quentes dias de verão...

RESTAURANTE «Duas Sentinelas»

Com extraordinária frequência de louletanos e forasteiros, inaugurou-se no passado domingo, dia 12, o restaurante típico «Duas Sentinelas», que o espírito empreendedor de 3 nossos conterrâneos em boa hora fez construir na estrada Loulé-Quarteira a 850 metros das Quatro Estradas.

Iniciativa a todos os títulos simpática, ela representa algo de novo no nosso meio, não porque possa ser considerado uma obra grandiosa, mas pelo local em que se situa, visto que normalmente estes estabelecimentos são cons-

truidos onde a frequência está mais ou menos assegurada; não entre pinheiros, numa estrada é certo movimentada, mas onde as possibilidades de êxito poderiam parecer duvidosas à maioria das pessoas a quem ocorresse fazer obra semelhante.

Sejam quais forem os resultados futuros, o que é certo é que o restaurante «Duas Sentinelas» tem merecido as mais elogiosas referências dos seus já numerosos frequentadores, a quem tem agradado o ambiente tipicamente regional da construção, mobiliário e sugestiva decoração interior.

A construção foi executada sob orientação do mestre Manuel João Guerreiro (Manuel Iria) e o vitral da sala de jantar da autoria do artista-decorador Manuel Lopes, de Vila Viçosa, mas já muito conhecido em Loulé pela sua participação no Carnaval.

Os nossos parabéns aos empreendedores desta obra e os nossos votos de feliz negócio.

Praia de Quarteira

Devido aos esforços da Junta de Turismo, os Serviços de Higiene Rural, do Ministério da Saúde, com sede em Loulé, começaram já o combate aos focos de criação de mosquitos e moscas a que o nosso jornal se referiu ultimamente. Foram assim eliminadas as dificuldades de ordem burocrática que impediam a actuação dos Serviços de Higiene Rural, que já há 2 anos vêm actuando no combate àqueles incómodos insectos.

Também no passado domingo, dia 12, estiveram em Quarteira o sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal do Concelho, Eng.º Júlio Cristóvão Mealha que, acompanhado do presidente da Junta de Turismo da nossa Praia, sr. Dr. Sousa Pontes, e do sr. Eng.º Carvalho de Mesquita, responsável pelos projectos do Motel, do Parque de Campismo e do Casino, e outras entidades, trocaram impressões sobre a localização das referidas obras turísticas. Espera-se que a sua breve realização, principalmente a construção do Casino, venham colocar a nossa Praia em condições de melhor receber os milhares de veraneantes que a procuram.

Pena é que as fracas receitas da Câmara Municipal não possam dotar a Praia com a rede de esgotos já superlucidamente aprovada, assim como com a abertura de ruas que facilitem a circulação de veículos.

Ouvindo o sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loulé

Tendo chegado até nós rumores de descontentamento ocasionados pela mudança, para escalo, da venda de energia eléctrica, resolvemos pedir ao sr. Vice-Presidente da Câmara de Loulé, que nos elucidasse do que realmente se passa quanto à nova modalidade agora em vigor.

Com esse propósito procurámos o sr. Eng.º Júlio Cristóvão Mealha, para uma troca de impressões (a que só muito forçadamente chamaremos entrevista), com o objectivo de esclarecer a opinião pública de como o problema é encarado pela nossa edilidade.

E, assim, procurando ir directamente ao assunto que nesse momento nos interessava, perguntámos:

Sr. Engenheiro, consta-nos que muitos dos consumidores não acolheram bem a entrada em vigor do novo regime tarifário de energia eléctrica porque, ao contrário do que esperavam, viram aumentadas as suas despesas. Será realmente assim, ou haverá exagero em algumas afirmações?

Em casos excepcionais isso aconteceu realmente, pois talvez não fosse possível atender tanta diversidade de casos particulares de forma a que todos beneficiassem. Estão neste caso os comerciantes que têm o estabelecimento junto à residência e aqueles que beneficiavam de uma tarifa especial para iluminação de montanhas, criada há anos para facilitar o embelezamento dos estabelecimentos, mas cuja finalidade acabou por ser deturpada em pre-

juízo da Câmara, visto que todo o estabelecimento acabou por ser considerado montra. Como essa anomalia acabou, evidentemente que os proprietários dos respectivos estabelecimentos se consideram «lesados».

Mas, sr. Engenheiro, julgamos que há ainda outros casos que têm merecido reparos.

Julgo que se refere ao caso daqueles consumidores de nível de vida mais baixo e que são forçados a considerar a luz eléctrica como um luxo e que por isso gastavam tão pouco que quase nem se justificava que a tenham em casa. E mesmo esses não ficam grandemente prejudicados. Tinha um mínimo de consumo de 1 kw/h, que foi aumentado para 2. Para esses o preço passou de 3\$00 para 2\$00 o que dá apenas uma diferença de mais 1\$00. E qualquer consumidor gastará facilmente 2 kw/h por mês...

O objectivo da venda de energia por escalo teve por principal finalidade baixar, de facto, o seu custo ou foi mais propriamente para fomentar o consumo, visto recriar-se o habitual retraimento dos consumidores, do que resultaria uma consi-

(Continuação na 3.ª página)

Mais hotéis no ALGARVE

A fim de construir um Hotel na Praia de Monte Gordo, acaba a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António de adquirir ao Estado uma parcela de terreno das matas nacionais com a área de 18.700, que importará em 10.823\$00.

Por notícia divulgada pelo nosso colega «Comércio de Portimão» sabemos que foi finalmente aprovada a construção do Hotel Infante de Sagres que uma importante sociedade se propõe construir na Praia da Rocha e que terá 150 quartos, divididos pela cave, piso térreo, andar intermédio e mais 5 andares.

Será, portanto, uma valiosíssima unidade hoteleira ao serviço de uma província que tão carecida tem estado de acomodações para os turistas que a procuram cada vez mais.

Além destes 2 hotéis em projecto, temos a satisfação de anunciar que vai ser brevemente inaugurado na Meia Praia (Lagos) um excelente hotel e que prosseguem activamente em Albufeira os trabalhos de construção de um magnífico hotel.

PRAIA DE QUARTEIRA

Média das temperaturas registadas na Estação Meteorológica de Quarteira de 1 a 15 de Julho: Máxima, 25,6. Mínima, 18,4. Água do mar, 21,6.

Ainda mais uma vez

O pouco espaço que tão gentilmente nos é cedido pela «A Voz de Loulé», não nos permite dar aos assuntos o necessário desenvolvimento, obrigando-nos a pôr de parte outros que, possivelmente perdem a oportunidade, mas este é um que nunca podemos deixar de tratar: — o monumento que perpetue a memória do saudoso Dr. José Bernardo Lopes.

Hoje, começaremos por saudar sinceramente os membros da Comissão encarregada de erigir, por subscrição pública, o monumento, há tanto tempo concebido, ou melhor, esperado, e ao mesmo tempo manifestarmos a satisfação pelo incitamento que temos recebido de toda a parte, pela atitude seguida nesta campanha, acompanhada de palavras de estímulo e amizade. E com satisfação que registamos este facto. Temos escrito estes artigos por

satisfação própria, sem nos importar da crítica feita às mesas do café.

Não hajam susceptibilidades, porque as nossas palavras não visam ninguém em particular; nem quem escreve disso seria capaz, nem o jornal local, fiel aos seus princípios, as toleraria.

Faltariam ao nosso dever de homem e de louletano, se não dissessemos que esse dever é bem a expressão da lei geral, a impor-se com saudade, mas com o árduo esforço numa luta contra certas tendências que reagem com fúria e que se vêm a tornar em selva forte que virifica o carácter de todos e gera a honra.

Foi sempre norma nossa fazer justiça a quem a merecer e merecê-la, sem favor, o velho amigo Manuel Guerreiro Pereira que,

(Continuação na 2.ª página)

Antares

APENAS POR 100\$00 MENSALIS
a única máquina de escrever portátil, com carro para 91 espaços!



Agente exclusivo:

CORREIA & PEDRO, L.^{da}

LOULÉ
Largo Gago Coutinho, 16 e 17

S. BRAZ DE ALPORTEL
Rua Dr. José Dias Sancho

CARTAS ao Director

(Continuação da 1.ª página)

depende do dinheiro, do dinheiro que a Junta de Turismo não tem e que a Câmara precisaria ter para mandar construir. Mas temos também de concordar que a acumulação de erros tem contribuído para que Quarteira ainda hoje não tenha muito daquilo que poderia e precisa ter como praia de banhos que serve uma vasta e populosa região.

Flagrante actualidade tem, por exemplo, o problema da luz eléctrica que é um dos mais fortes motivos de descontentamento da colónia balnear e de quarteirenses que se podem gabar de pagar a luz mais cara do mundo (4\$00 cada kWh.), mas que não podem estar satisfeitos por ela lhes ser fornecida a prestações (estamos na época das prestações) e com prejudicial irregularidade.

No inverno a luz é racionada porque durante o dia e depois da meia noite o consumo é insuficiente para compensar as despesas da central em funcionamento; no verão a luz é racionada porque a potência dos motores não suporta o considerável aumento de consumo e quem for ao baile da Esplanada não poderá demorar-se por lá depois das 2 horas pois de contrário teria que deitar-se à luz do petróleo...

E tudo isto porque a Junta de Turismo não aceitou em devido tempo que Quarteira fosse incluída no plano de electrificação do concelho e, mesmo agora, segundo nos consta, ainda não tomou uma decisão para resolver o problema a bem de toda a população e dos veraneantes que cada vez gostarão menos de se sujeitarem às contingências de um irregular fornecimento de luz.

E assim, enquanto se vai tornando obsoleta a existência de centrais térmicas porque a energia hídrica já pode chegar a toda a parte, Quarteira persiste em manter a sua «independência» autobastecendo-se de luz, mas com manifesto prejuízo de todos os consumidores.

Isto significa que naturalmente nem tão cedo se chegará a um acordo para que a Câmara de Loulé passe a fornecedora de luz a Quarteira com a energia que recebe da CEAL.

Aqui tem sr. Director, um problema que devia ser tratado com frequência nas colunas deste jornal, que devia ser debatido com insistência, que devia ser resolvido com brevidade, que já devia estar resolvido e que afinal tão «esquecido» tem estado.

E pena que não apareçam mais «penas» a focar este momentoso assunto.

Um frequentador de Quarteira

O Monumento ao Dr. Bernardo Lopes

Considerarei apreciável honra a inclusão do meu nome na Comissão promotora do monumento ao maior Benfeitor deste concelho e fiz logo o propósito firme e sincero de desempenhar fielmente as funções inerentes ao honroso cargo. Porém, reparando que, durante um ano a Comissão se manteve em ponto morto e não querendo por isso mesmo ser um seu componente honorário, comuniquei a quem de direito que dela me considerasse desligado por ser naturalmente avesso a cargos honoríficos.

Isto significa que há bastante tempo deixei de ser membro da referida Comissão.

Padre Francisco José Baptista

VENDE-SE

Por motivo de ausência dos herdeiros, vende-se uma propriedade denominada «Campina», com 5 hectares, a 3 quilómetros da vila, junto à estrada Loulé-Quarteira. Tem oliveiras, amendoeiras, figueiras e terra de semear.

Tratar com herdeiros de Francisco Ricardo Bárbara — Vale d'Éguas — LOULÉ.

«A VOZ DE LOULÉ» — N.º 185
— 19 de Julho de 1959

Tribunal Judicial

— DA —

Comarca de Loulé ANÚNCIO

No dia 17 do próximo mês de Outubro, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca de Loulé, e nos autos de carta precatória vinda do Tribunal do Trabalho de Faro, extraída dos autos de execução em que são: Exequente — a Comissão Reguladora das Moagens de Ramas, e Executado — Francisco João, residente no povo de Salir, se há-de pôr, pela segunda vez em praça e arrematar a quem maior preço oferecer acima do valor de 3.000\$00 o prédio a seguir descrito e confrontado, penhorado nos referidos autos, a saber:

Prédio a arrematar

«Uma morada de casas térreas com dois compartimentos no sítio da Ponte de Salir, freguesia de Salir, que confina do nascente com Manuel Coelho, norte e poente com caminho e do sul com José Mendes, descrito a folhas 76 v.º, do Livro B, n.º 80, da Conservatória do Registo Predial de Loulé, o qual vai à praça pelo valor de 3.000\$00».

Loulé, 11 de Julho de 1959

O Chefe da 2.ª Secção, Int.º

João Guerreiro Brasão

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Marino Barbosa Vicente J.º

Propriedade

VENDE-SE uma propriedade no sítio do Taralhão, freguesia de S. Sebastião, confrontando com os srs. José João Pablos e Eduardo Delgado Pinto.

Dirigir propostas por intermédio deste jornal ao n.º 22.

Propriedades em Almancil

VENDEM - SE

Vende-se um lote de propriedades, em conjunto ou separadamente, com valores entre 10.000\$00 e 600.000\$00.

Tratar Dr. Jaime Rua, nesta vila.

(Continuação da 1.ª página)

das alfarrobas, onde se debate um problema de maior alcance para a vida económica de todo o Algarve. Estamos gratos, outrossim, a Suas Excelências os Ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional pela solicitude que um e outro puseram na cadeia de interesses que ligam os diferentes ramos da actividade algarvia, já dando incremento a obras que pareciam mortas, já pondo no campo do ensino escolas que vêm abrir maiores horizontes às esperanças da gente nova; ambos estão agora de visita ao Algarve. Não esqueçamos, também, o sr. Governador Civil do Algarve, cuja inteligência e dinamismo tem sobrepujado na solução de todos os problemas que se recomendam pela sua urgência, acerto e ponderação.

Voltando, porém, à questão do hotel de Armação de Pera, somos forçados a desviar a vista para a nossa praia de Quarteira, em cujo arranjo urbanístico há tanta coisa a reparar, desde casas sem qualquer alinhamento até ao pavimento de ruas constituído por camadas de areia solta. Quando surgirá para Quarteira um homem, um grupo de homens, uma empresa, enfim, que ali se propoña construir um hotel, não digo já um hotel de turismo, como vai ser o de Armação de Pera, como vai ser o de Albufeira, mas um hotel limpo capaz de receber toda a gente?

Que se não diga, porém, que Quarteira não oferece garantias de ordem económica a quem se abalançar ali à construção dum hotel; oferece, aliás, e das mais sólidas, pois Quarteira é a praia mais concorrida de todo o Algarve e aquela que, com maior facilidade, se põe em contacto com o resto do País. O que tem faltado, aliás sem desprimor para aqueles que o podem fazer, é a alma dum Alexandre de Almeida, o homem do Luso e Bugaco, o homem de S. Pedro das Lameiras que, sem olhar a resultados financeiros, se lançou numa campanha do revigoramento turístico de toda a zona do centro de Portugal.

co de toda a zona do centro de Portugal.

Assim faz-se turismo, e, mais do que turismo, faz-se circular o sangue estagnado da Nação.

Quando, há dias, folheei o último número da revista «Turismo» e vi que todo esse número era consagrado a Lisboa, Porto e Moçambique, sem uma linha, por assim dizer, dedicado ao Sul do País, senti aquele vazio suscitado pelo desânimo. Onde está o Alentejo com as suas searas ondulantes e as suas canções duma nostalgia sonhadora, onde está o Algarve com o bordado das suas praias e o maravilhoso cenário das suas paisagens; inclusivamente, a nossa vila de Loulé, onde está ela, esta moira encantada, que nem sequer figura nessa publicação com uma simples linha a anunciar a pensão da Terra?

Desgraçadamente, vergonhoso é dizê-lo, Loulé ainda não tem uma pensão! Temos clubes de muitas espécies, temos um mercado a recordar a passagem do islam pelos nossos campos, temos um teatro de linhas severas e, dir-se-á, de aspecto monumental, temos uma avenida que é um primor urbanístico, temos um monumento ao homem que nós conhecemos pequenino na escola e que, levado pela sua inteligência, se transformou num gigante com pé assente na História, temos tudo isso, mas falta-nos uma pensão que garanta ao visitante uma noite reconfortável. Não obstante, sobejam-nos os cafés, os automóveis pelas ruas, e... ia dizer a má língua, mas não digo. Limite-me a registar a falta duma pensão como ressonância ao brado turístico que hoje é moda gritar-se por toda a parte. Vergonhoso é dizê-lo!

Gil Brasino

Espingarda de caça

Marca Francott's, de 2 canos. VENDE Bento José Correia — Amendoeira — Querença.

COR É VIDA COR É VIDA COR É VIDA

José Guerreiro Neto

Participa a todos os seus Ex.^{mos} Clientes e amigos que tem a representação em exclusivo para LOULÉ

DOS PRODUTOS DA

ROBBIALAC PORTUGUESA

STOKS PARA ENTREGA IMEDIATA

Stand na Rua Padre António Vieira — LOULÉ

COR É VIDA COR É VIDA COR É VIDA

Actualidades Ainda mais uma vez

(Continuação da 1.ª página)

desassombradamente vem declarar que como tesoureiro da Comissão, que está intacto o dinheiro da subscrição. Nunca duvidamos da sua honorabilidade, estando bem entregue a recolta arrecadada, e donde não deve sair.

Chegou a hora de despertar, e para acordar, é preciso sacudir-se do sono em que caíram algumas pessoas que fazem parte da Comissão do monumento.

É tarefa que à primeira vista parece ser difícil de resolver nesta época de egoísmos, mas que, na realidade, não será difícil, se os filhos de Loulé souberem, mais uma vez, serem cumpridores dos seus actos, dos seus deveres de justiça e de gratidão.

Sucedem-se os factos com tanta rapidez que, dificilmente seremos capazes de esquecer e de sentir a impressão que nos tem causado o esquecimento daquele que foi alguém muito grande nesta bela terra que, aqui serviu durante cerca de meio século, como médico desprendido pela remuneração do seu trabalho exaustivo e a sua dedicação ao Hospital que ele remodelou por completo, de salas e enfermarias amplas batidas de sol, muito iluminadas — é um hospital modelar que, hoje, felizmente tem à sua frente um louletano ilustre para continuar a obra do seu antecessor, esse ilustre continuador é o Dr. Manuel Cabeçadas.

Tudo isto se lhe ficou a dever para não depressa ser esquecido, o que nos leva a fazer lembrar, novamente, aquele pensamento do ilustre filósofo que diz: «os amigos só nos acompanham quando somos alumiados pelo sol da felicidade». É certo, como certo é o dito do povo: «morreu o bicho, acabou a pegoalha».

Muito longe a ideia de pretendermos pôr em dúvida a boa vontade e o trabalho já referido, mas, permitam-nos a franqueza, por vezes rude, de dizer que as pessoas que formam a Comissão sentem talvez o aborrecimento das nossas considerações sobre a construção do monumento ao Dr. Bernardo Lopes.

Precisa-se que todos prestem a sua boa vontade, o seu apoio à homenagem que se pretende prestar.

Que os nossos leitores e a Comissão encarregada de erigir o monumento à memória do Dr.

Bernardo Lopes nos perdoem se, por vezes, somos violentos nas nossas apreciações, por nem sempre sermos senhores dos nossos nervos.

Dizer que o não esquecermos é pouco. Devemos provar aos nossos filhos e às outras pessoas que ele vive sempre entre nós e que soubemos agradecer todos os favores que lhe ficámos a dever.

O Dr. Lopes vai ter um monumento na terra onde viveu a maior parte da sua vida, levantado por todos os louletanos, pela saudade, pelo reconhecimento, e porque não dizê-lo? pelo nosso dever. Ninguém de certo, se recusará a subscrever-se ainda para o pagamento dessa dívida, que deve saldar-se e de maneira a dignificar a memória do benemérito do povo.

Devemos-lhe uma constante e firme amizade, que, se em vida do ilustre morto foi, para nós, um título de honra, mais contribua agora para nos tornar dolorosa a sua perda irreparável.

É bem justa a homenagem que se pretende prestar à memória do Dr. José Bernardo Lopes que, como médico punha acima de tudo, e, quantas vezes com sacrifício da sua saúde, o seu zelo, o seu saber.

Augusto C. Bolotinha

Vendem-se

- 2 courelas de mato, com alfarrobeiras, no Serro de Maio;
- 2 courelas de mato, com alfarrobeiras e amendoeiras, nos sítios dos Matos e da Cova;
- 2 courelas de regadio, nas terras verdes de Quarteira.
- Vários prédios em Loulé e Quarteira.

Accepta propostas o proprietário J. Manuel Gallo — Rua Filinto Elísio, 3 - 1.º - Dt.º — LISBOA.

TRESPASSA-SE

Por motivo de retirada trespassa-se o Restaurante Conde (junto ao Mercado).

Tratar com os proprietários.

AZINHO

VENDEM-SE cerca de 2.000 azinheiras, na Herdade da Magra, freguesia de Ervidel, em conjunto ou separado.

Dirigir a Joaquim Vilhena Ramires Ramos — ERVIDEL — Baixo Alentejo.

PEÇA
PROVE
BEBE

COMPAL



SUMO PURO
DE LARANJA
SEM CORANTES NEM CONSERVANTES

Depositários no ALGARVE:

ANTÓNIO LÃ & FILHO, L.^{da}

Largo do Carmo, 63 - 70 — FARO

Telefone 91

COMPRA-SE

Móvel para escritório. Armário c/ estantes e portas de vidro. Largura até 1,50.

Nesta radacção se informa.

TRESPASSA-SE

SAPATARIA ZAZA, com ou sem existência.

Tratar com o proprietário. — Telef. 177.

Ouvindo o sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

derável redução de receita que a Câmara não suportaria em face dos seus pesados encargos actuais?

— A principal finalidade da venda por escalões é na verdade conceder facilidades para que o consumidor possa considerar a electricidade como fonte económica de energia e portanto de aconselhável utilização num número cada vez mais elevado de fins. Desta forma será possível acompanhar o progresso proporcionado pela energia hídrica.

— E acha que esse objectivo do Governo foi alcançado em relação ao caso de Loulé?

Bem vê: os benefícios não ressaltam logo à vista porque o consumidor não está ainda habituado a gastar electricidade a não ser quase exclusivamente para iluminação. Por isso não sente que o preço da energia baixou.

Mas a electricidade está sendo cada vez mais utilizada e quanto maior for o consumo maiores serão os benefícios para o consumidor, que assim a poderá utilizar com menos restrições.

— Diz-se que os novos preços apenas beneficiam os consumidores de vida económica mais desafiada, prejudicando casas comerciais e os pequenos consumidores.

— Das casas comerciais só se poderão sentir «prejudicadas» as que disfrutavam da regalia da iluminação para montras e os pequenos consumidores talvez tenham sentido alguma diferença por a primeira leitura dos contadores ter sido feita na época em que as noites são as mais pequenas do ano e em que portanto têm um consumo infimo de luz.

— Os novos preços por que a Câmara está vendendo a energia têm carácter definitivo ou está já prevista uma redução logo que as circunstâncias o aconselhem?

— As novas tarifas estão baseadas nas que a CEAL tem em vigor no concelho de Lagoa e foram aconselhadas pelas entidades superiores que introduziram alterações e as aprovaram. São as mesmas que passarão a vigor em todo o Algarve logo que nas restantes localidades as tarifas sejam escalonadas. No entanto têm carácter transitório, pois supõem ser intenção do Governo uniformizar a venda de energia em todo o País.

— Isso vai obedecer certamente a demorados estudos, não lhe parece sr. Engenheiro?

— Sem dúvida. E compreende-se: estamos numa zona bastante afastada dos centros produtores de energia e temos além disso a mais baixa média de consumo, ainda com a agravante de a pouca densidade populacional do Alentejo nos ser prejudicial também neste aspecto.

O transporte da energia até ao Algarve importou em muitos milhares de contos e a electrificação do concelho de Loulé representa para a respectiva Câmara um pesado encargo que só poderá ser compensado por um largo consumo.

— Essa circunstância forçou a que tivesse de ser estipulado um consumo mínimo, não é verdade?

— Nesse particular houve que tomar em consideração a electri-

ficação das freguesias rurais, cuja população não está ainda habituada à energia eléctrica e por isso o respectivo consumo seria tão insignificante que nem chegaria talvez para compensar as despesas da iluminação pública. Naturalmente muitos consumidores só acenderiam a luz eléctrica quando recebessem visitas, visto que os seus hábitos de vida não são propícios a uma intensa actividade nocturna.

E a Câmara não poderia prescindir da receita das freguesias não só pelos elevados encargos que foi necessário suportar como ainda pela multiplicidade de despesas que esse serviço implica.

De resto estes mínimos exigidos não foram criados pela Câmara, mas faziam parte do caderno tipo que foi apresentado a esta entidade.

— Sabemos que, tanto na vila como especialmente nas freguesias rurais, muitas pessoas se retratam de instalar iluminação eléctrica por não suportarem os encargos (que consideram bastante elevados) do custo da baixada e das instalações interiores. Já temos ouvido falar em preços muito elevados (que aliás não correspondem à verdade) desses trabalhos e parece-nos que seria conveniente esclarecer o público a esse respeito, para anular boatos que se têm espalhado com relativa facilidade. Tem a Câmara conhecimento desses boatos?

— Na maioria dos casos, os boatos são propalados sem fundamento e utilizados para propaganda com fins malévolos. Para evitar quaisquer mal entendidos seria sempre conveniente que, em vez de contribuírem para a sua propagação, as pessoas que se julguem lesadas se dirigissem à Câmara a apresentar as suas reclamações.

O custo das baixadas está longe de atingir os preços que levianamente foram espalhados em algumas freguesias.

— No entanto, sr. Engenheiro... Sim, no entanto, tem sido obstáculo a que algumas pessoas se retratam de instalar iluminação eléctrica, pois a Câmara não pode contrariar o que está superiormente estabelecido quanto à qualidade dos cabos a empregar que realmente não são baratos.

— Encara a Câmara alguma possibilidade de resolver esse inconveniente?

— Sem qualquer influência exterior já foi deliberado conceder facilidades de pagamento às pessoas economicamente débeis que desejem instalar luz eléctrica e não possam dispor de uma só vez da respectiva importância. Isto quanto às baixadas, porque da instalação se encarregam as casas comerciais e creio que não será difícil conseguir idênticas condições.

— Sr. Engenheiro, sabemos de alguns casos, como cinema e cafés, por exemplo, que apesar de grandes consumidores ficaram com mais pesados encargos. Poderá explicar-nos porque isso aconteceu?

— Porque estavam a pagar a energia a um preço especial, o qual não podia ser mantido, de acordo com as «condições de venda de energia eléctrica», aprovadas.

— No caso da indústria, o consumo mínimo está estabelecido de harmonia com a potência do motor instalado, não é assim?

— Exacto.

— Mas consta-nos que não foram tomadas em consideração aquelas indústrias que, relacionadas com os produtos da terra, não podem ter uma laboração continua pagando no entanto um mínimo bastante elevado mesmo sem trabalharem.

Virá esse factor a ser tomado em consideração?

— Ao ser elaborado o caderno com as condições de venda de energia é natural que não tenham sido previstas todas as casos particulares que possam surgir em todo o país.

Admito, no entanto, que se faça uma revisão, tendente a limar todas as arestas, com o que só adviriam benefícios para o consumidor.

Agradecemos ao Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loulé a gentileza dos esclarecimentos que nos prestou e julgamos que com eles ficaram esclarecidos alguns aspectos do problema do fornecimento de energia eléctrica que está provocando na nossa terra muitos clamores e protestos.

E concordamos que alguns serão razoáveis mesmo atendendo a que os novos preços foram estipulados pelo Governo, que todos sabemos estar fortemente empenhado num grandioso plano de electrificação nacional. Por isso faz construir barragens imponentes, para isso faz erguer poderosas centrais hídricas. E é talvez por isso, talvez por todos esperarmos que finalmente fiamos ter energia realmente barata é que foi maior a decepção dos que ficaram a pagar mais.

J. B.

A orientação da mão de obra e a automação na indústria

(CONTINUAÇÃO)

Aquele que tem sabido adequar-se às renovadas exigências produtivas, aceitando conscientemente o novo tipo de oferta de trabalho, certamente não censura o progresso técnico e a automação em especial. Só quem por desventura ou negligência não tem sabido adaptar-se às actuais formas das exigências operativas, pode crer que seja culpa da automação o facto de que o tempo entre a procura do emprego e a sua obtenção se alongou, determinando por isso uma particular situação de prejuízo económico. Se esses trabalhadores tivessem sabido adaptar-se com facilidade às diversas condições dos novos cargos de trabalho, isto é, se estivessem possuídos da característica da flexibilidade no seu mistério, a sua situação de prejuízo teria sido evitada ou pelo menos reduzida.

É verdade que a segurança da posição de emprego junto da ve-

— — — — —

Metendo a foice em seara alheia

(Continuação da 1.ª página)

aos canones bolchevistas quando escreveu o «Dr. Jivago», livro que lhe mereceu aquela distinção?! Não vedes como o homem, sentindo-se oprimido na Terra, procura fugir a essas limitações caminhando para os espaços siderais?!

Não! O homem nasceu para ser livre.

Limitações bem lhe bastam aquelas que lhe vêm de dentro da alma, as de ordem moral que lhe garantem a sua posição de ser superior entre os demais seres da Criação.

De resto, que sei eu do vosso interesse por isto ou por aquilo? Que direito tenho de julgar que só os assuntos locais nos podem prender a atenção?

Quem me garante que vós não apreciáveis precisamente que vos falem de coisas já sabidas, empregando palavras diferentes, uma maneira de dizer diferente, mostrando-vos novos aspectos em que não teríeis reparado?...

Estava já rebuscando no cesto dos papéis os bocados rasgados, para refazer um dos escritos, quando, de repente, me surgiu a ideia de vos falar de uma coisa por que tendes mostrado muito interesse. Para isso, porém, tinha de «meter a foice em seara alheia». Decidi-me.

Não sou louletano, não vivo, nem nunca vivi no Algarve. Não conheci, portanto, — e tenho pena de não ter conhecido — o Dr. Bernardo Lopes.

Segundo o que tenho lido nas muitas cartas e artigos publicados em «A Voz de Loulé», o Dr. Bernardo Lopes teria sido uma boa alma, alguém que passou por este mundo a dar bons exemplos, a praticar o Bem.

Como é consolador saber-se que, nestes tempos de egoísmos, de mesquinhas ambições, ainda há pessoas que sabem sentir e sofrer com os outros, repartindo com eles o pouco ou muito que Deus lhe deu!

O Dr. Bernardo Lopes já não precisa de recompensas, sejam de que natureza for. Nunca pensou nisso certamente, e se lhe tivessem dito algum dia, quando viveu, que lhe haviam de erigir um monumento, ter-se-ia revoltado com a ideia, e faria tudo para a tirar da cabeça de quem tal tivesse pensado.

São assim as almas de eleição. Ah, mas a gratidão, é um dos mais belos sentimentos que florescem no coração dos homens!

Eu quero ser grato, quero estar com aquelas pessoas que de-sejam mostrar a sua gratidão, o seu apreço, erguendo um monumento ao Dr. Bernardo Lopes.

Quero, como irmão que sou dos outros homens, dar a minha parte de gratidão para com aqueles que são bons, já que também me sinto um pouco responsável pela muita miséria moral e material que por aí se estadeia.

Há quem não queira o monumento? — Que importa?

Se naqueles que o querem, o querer for tão grande quanto a gratidão, o monumento há-de levantar-se. Metamos mãos à obra.

Amaral Cid

MONTE

VENDE-SE um monte com terra de semear, casas de habitação, cisterna e todas as dependências agrícolas, no sítio de Betunes, junto à Estrada Nacional Loulé-S. Brás.

Tratar com António João Calço — Barreiras Brancas — LOULÉ.

J. B.

lhas fábricas é geralmente mantida por mais tempo que junto de indústrias de recente formação, mas se se considerar que as novas forças em busca de trabalho, aquelas provenientes das escolas e do serviço militar, são atraídas em preferência por estas empresas, fica por considerar só uma minoria de mão de obra velha que, embora menos adaptável que a primeira, pode empregar um maior tempo na procura duma nova ocupação. Os jovens ligeiros orientam-se para as indústrias que, em geral, adoptam sobre as linhas de produção modernas procedimentos de trabalho e automatismos. Entre os operários mais idosos e estáticos pode ao contrário variar um ressentimento contra os mecanismos que substituem o homem nos processos operativos. Esta diferença no comportamento dos dois tipos de trabalhadores diante da automação, pode encontrar-se no facto de que o segundo é menos adaptável e menos flexível que o primeiro e por isso menos inclinado a modificar ou a trocar o género de profissão.

Estatisticamente demonstrável que quando na família os rendimentos aumentam, são incrementadas, especialmente, as quotas de gastos com bens não de primeira necessidade e com serviços que representam um mais alto teor de vida. Assim em paralelo, pode ser considerada uma nação. Quando as estatísticas demonstram que as despesas de carácter voluntário crescem relativamente mais do que aquelas de exigência rígida, deduz-se que o nível do bem estar geral se eleva. Hoje, como é manifesto, em todos os países livres, onde tais despesas estão em aumento geral e aonde o grau de industrialização é muito elevado, verifica-se um altíssimo nível de vida.

É também estatisticamente revelável que a procura de ocupação é mais orientada para as indústrias e os comércio que dispõem de artigos e serviços de demanda elástica onde o trabalho dos profissionais foi muito aumentado nestes últimos anos. A automação tem influido profundamente para acelerar o pedido de pessoal técnico nos empregos industriais; com efeito dos dados fornecidos pelas entidades autorizadas nota-se que no giro de um decénio os empregos, sob este título, têm quase duplicado. Um grandíssimo número de trabalhadores está actualmente ocupado na produção de bens e serviços procurados por virtude do aumentado nível de vida, ocupações que não seriam tão pouco imagináveis quando o estandarte de prosperidade económica era mais baixo.

(Continua no próximo número)

— — — — —

CARTA não importa a quem

(Continuação da 1.ª página)

guém, portanto o melhor seria esquecer-lo.

Mas nós consideramos que não deverá ser assim simplesmente porque várias dezenas de pessoas se subscreveram voluntariamente para que a obra se fizesse, não daqui a anos, mas no mais curto espaço de tempo, pois o Dr. Lopes teve apenas projecção regional e deve ser homenageado pelos que dele receberam favores ou carinhoso tratamento. Não é o caso de um Infante D. Henrique cujo monumento tem actualidade ainda que construído 500 anos após a sua morte.

E tanto assim que, logo no número de 1 de Agosto de 1956 de «A Voz de Loulé» que noticiava a morte do Dr. Lopes, (há portanto quase precisamente 3 anos) se dizia textualmente:

«Pois vamos de encontro a esse desejo e preparemo-nos para levantar, em 30 de Julho de 1957, um busto que perpetue a gratidão, a estima e o carinho que o concelho dedica e deve a quem, durante 46 anos, o serviu abnegadamente e façamo-lo por subscrição pública exclusivamente».

Não encontramos, pois, possível justificação para a morosidade com que o assunto tem sido tratado.

Ficamos aguardando uma decisão dos membros da Comissão e entretanto, queira aceitar, sr. Director, os cordiais cumprimentos do louletano dedicado

António Dias da Silva

TRACTOR

VENDE-SE um Tractor, marca David Brown, 42 H.P., novo, sem rodagem, por baixo preço e com todas as garantias.

Tratar com Francisco Rodrigues Madeira — ALTE.

De S. Bartolomeu de Messines

João de Deus



No nosso primeiro artigo sobre esta bela e acolhedora povoação dedicámos pouco mais de meia dúzia de linhas, ao mais ilustre filho desta terra, João de Deus. Ficáramos com grandes remorsos a roerem-nos a consciência se não relembrassemos a sua vida, oferecendo aos nossos leitores uma descolorida biografia deste notável poeta, que foi um dos maiores líricos da língua portuguesa.

///

João de Deus, de nome completo João de Deus Ramos, nasceu numa humilde moradia de São Bartolomeu de Messines, no dia 8 de Março de 1830, filho do comerciante José Pedro Ramos e de D. Isabel Gertrudes Martins.

A primeira instrução recebeu-a em casa, aprendendo então o Latim. Com 19 anos partiu para Coimbra para o Seminário Episcopal onde terminou os preparatórios para ir cursar Direito na Universidade. O seu desenvolvimento espiritual nada deveu ao ensino Universitário, que se achava então num dos períodos de maior decadência, pois havia falta de professores competentes e os que eram dedicavam-se mais à política que ao ensino.

No ano lectivo 1850-51 ficou em São Bartolomeu de Messines, perdendo o curso aque pertença e foi então que escreveu a sua primeira obra poética. No ano seguinte voltou à Universidade como «adventício» do 2.º Ano. Matriculou-se no 4.º Ano jurídico de 1853-54, talvez devido à sua vida muito livre e pouco amor ao estudo, perdeu-o por faltas.

Nos anos de 1856 e 1858, abandonou a Universidade, tomando o grau de Bacharel e chegando mesmo a pensar que não terminaria a sua formatura, mas uma prolongada doença duma irmã fê-lo regressar a Coimbra em 1858, matriculando-se então no 5.º Ano. A formatura de João de Deus, como ele pitorescamente exclamava «levou 10 anos, como a guerra de Troia».

Quando se matriculou no 5.º Ano, entrava para o 1.º Antero de Quental, que quando o conheceu logo o admirou e exaltou muito, escrevendo em 1860 uma elogiosa crónica sobre o jovem poeta que já nessa altura tinha bastante fama nos círculos culturais da academia.

NOTÍCIAS do LOULETANO

(Continuação da 4.ª página)

são deixada num domingo que eles próprios não quererão recordar.

Aguardemos até à «Volta...»

O Louletano inscreveu para a «Volta» uma equipa de 7 jovens ciclistas, risonhas promessas para o futuro. São eles:

José Correia, 20 anos, natural de Lagos; Manuel Coelho (Bessouro), 20 anos, natural de Loulé; João de Deus, 19 anos, natural de Clareanes; Valério Clara, 19 anos, natural de Estói; João Carlos, 19 anos, natural de Estói; Virgílio Viegas, 18 anos, natural de Querença e Delfim Baptista, 24 anos, natural de Loulé. Este será o chefe de fila da equipa.

Todos estes corredores se encontram em estágio desde 5 do corrente, excepto Baptista, que está a prestar serviço militar.

A Volta a Portugal terá, este ano, um final de etapa em Loulé, com partida de Tavira e contrarelgio, na manhã de 5 de Agosto. Na tarde do mesmo dia terá lugar uma etapa completa na pista de Loulé. Sobre a mesma, escreveu um redactor do «Diário Ilustrado», jornal organizador da «Volta» o que com a devida vénia passamos a transcrever:

«A tarde, numa reunião que, por certo, atrairá a Loulé todos os desportistas algarvios, disputar-se-á uma etapa da «Volta». Será um contra-relgio por equipas e tanto é dizer que, perante a multidão que se encontrará na pista de Loulé, se desenrolará o espectáculo vibrante e entusiasmado de um «tudo por tudo» que a todos galvanizará.

Nunca o Algarve assistiu a tal espectáculo, jamais foi dado aos desportistas da bela provincia do Sul assistirem a uma etapa da «Volta» em recinto fechado! E como os preços serão verdadeiramente populares é de ver que os ciclistas terão à sua volta uma verdadeira multidão que não se cansará de os incitar e aplaudir. O Algarve saberá marcar a sua posição. E marcá-la-á de maneira brilhante».

Assim, e melhor do que nós, descreve o redactor do «Diário Ilustrado» o que se espera virá a ser a maior tarde de ciclismo jamais vista em Loulé.

A. N. G.

Terminando a formatura em 1859 João de Deus deixou-se ficar em Coimbra no meio de companheiros estudantes até 1862. Neste mesmo ano quando regressava ao Algarve, demorou-se em Beja contratado para a redacção do periódico *O Bejense*, onde trabalhou durante 2 anos deixando muitas composições líricas. A política não o atraía, ao contrário do que sucedia com os intelectuais do tempo, mas por condescendência ao pedido dos seus amigos, António Garcia Blanco e Domingos Vieira e por influência destes, foi eleito deputado por Silves, fixando então residência em Lisboa. Durante esse tempo sofreu grandes privações, passando o tempo cavaleando com os amigos no Café Martinho. O casamento com D. Guilhermina Battaglia, fê-lo abandonar este costume.

///

Em 1888, alguns amigos obtiveram para ele a nomeação de Comissário Geral do Ensino da Leitura, segundo o método de que era autor e foi declarado Nacional — A CARTILHA MATERNAL.

No dia 8 de Março de 1895, dia do seu aniversário, foi-lhe feita uma manifestação promovida pela juventude escolar, apoteose magestosa como nunca se tinha visto em Lisboa. No cortejo que o foi saudar a casa, iam todos os estudantes das escolas superiores e primárias de Lisboa e representações de Coimbra, Porto, Santarém, Faro, Braga, Lamego, Portalegre, etc., com os seus estandartes.

A Academia Real das Ciências e o Instituto de Coimbra, proclamaram-no seu Sócio de Honra. No dia 9 em continuação às manifestações em sua honra, realizou-se um sarau no Teatro D. Maria, a que foi assistir o Rei D. Carlos I. O poeta com a cara banhada em lágrimas safu da sala sobre as capas dos estudantes, sendo levado a casa num trem a que os rapazes desatrelaram os cavalos e puxaram por cordas durante o trajecto.

No dia 11 de Janeiro de 1896, morreu João de Deus.

Portugal perdeu neste dia uma das grandes figuras da poesia e do amor à juventude.

No seu funeral até ao Panteão do Mosteiro dos Jerónimos em Belém incorporaram-se milhares de pessoas, testemunhando assim o grande apreço e admiração em que era tido o grande poeta do Campo das Flores.

Messines, Junho 1959

Jokim'Anel

Louletano Desportos Clube

CAMPANHA DE ANGARIAÇÃO DE FUNDOS PARA MELHORAMENTOS NO CAMPO DE JOGOS

Transporte, 1.630\$00.

José de Brito Barracha, 50\$00; Francisco do Pilar Taxinha, 50\$00; Manuel Guerreiro Gonçalves, 50\$00; José Emílio da Costa, 100\$00; Arnaldo Matos Pereira, 50\$00; Francisco Matos Pereira, 50\$00; Anónimo, 100\$00; N. N. 100\$00; José Inácio Coelho, 50\$00; Francisco da Silva Barreiros, 100\$00; Daniel Farrajota Costa, 100\$00; Damião Vieira Ramos, 20\$00; Helder Farrajota Ralheta, 100\$00; António Semão Viegas, 100\$00; José Guerreiro dos Santos, 50\$00; Daniel de Castro, 50\$00; António Bento, 50\$00; Francisco Bota — Gorjões, 20\$00; Francisco Ramos, 30\$00; António Mateus Azevedo, 20\$00; Raul Correia — Lisboa, 40\$00; Filipe Correia Pencairinha, 50\$00; José Gonçalves Luis, 20\$00; Abílio de Sousa Viegas, 40\$00; Um Grupo de Amigos do Louletano (subsc.), 60\$00; Emílio do Carmo Chagas, 50\$00; Jesuino de Sousa Leal, 20\$00; Raul Rafael Pinto, 20\$00; José Cabrita Cortes, 100\$00; Joaquim Martins Carrilho, 50\$00; D. Maria José Carapeto Pereira, 20\$00; Francisco Joaquim Barreiros, 50\$00; Filipe Leal Viegas, 20\$00; Mário da Ponte Horta — Faro, 20\$00; Luís dos Santos Carapeto, 100\$00; Dr. Manuel Mendes Gonçalves, 100\$00; Empresa de Viação Algarve, Lda., — Faro, 500\$00.

A transportar, 4.310\$00.

N. R. — Devido à sua extensão, não nos foi possível publicar hoje, a relação completa de subscritores que nos foi entregue.

ARMAZEM

Aluga-se um armazem, situado na Rua do Matadouro. Informa Amadeu Pedro da Cruz em Loulé ou Sanches & L., em Portimão.

GANHE
600 escudos
com um instantâneo
tirado por si.

Informa das condições:

Centro Comercial de Representações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5
LOULÉ

Venda de Prédios

VENDEM-SE os seguintes prédios;

Dois na Rua Francisco Grandela, n.º 21, 23 e 25, com 1.º andar e rez do chão.
Um na Rua Paio Peres Correia, n.º 8, 10 e 12, com 1.º andar e rez do chão.

Um em Quarteira, em frente da Pensão Isidoro, n.º 11 e 13.

Tratar na CASA ZAZA — Telef. 177 — Loulé.

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Julho:

Em 11, a menina Maria Manuel Mamede Castanho.

Em 20, a menina Adília Maria de Sousa Guerreiro.

Em 21, a menina Rosa Maria Serafim Campina.

Em 22, o sr. Adriano Maria Rocha Carapeto, residente em Lisboa e a sr.ª D. Maria Madalena Ramos Melenas.

Em 24, a menina Esmeraldina Vitória Barão.

Em 25, os srs. Dr. Santiago de Sousa Pontes e Joaquim de Jesus Fernandes.

Em 26, os srs. Jaime de Sousa Calado, Manuel Cabrita Sequeira e os meninos José Manuel Flores da Silva e Cristóvão Correia Contreiras.

Em 27, as sr.ªs D. Irene Pinto Leal de Menezes, residente em Paderne; D. Maria de Lourdes Pinto Leal Santos, residente em Seta; D. Maria das Dores Oliveira, D. Silvina da Luz Vinhas Ferreira e o sr. António de Sousa Inocência, residente em Marrocos, e a menina Maria Solange Correia Contreiras.

Em 28, o sr. Manuel Joaquim Barreiros.

Em 29, as sr.ªs D. Emília de Sousa Oliveira, D. Maria Celeste Viegas Barreiros Valinhos e os srs. Casimiro dos Santos Mata e José Pires Madeira, residente na Venezuela.

Em 30, as sr.ªs D. Teresa de Sousa Vitória Pereira e D. Maria Joaquina de Brito Mariano, residente em Lisboa; as meninas Maria Aliete das Neves de Sousa e Ilda Maria Cavaco Tavares e o menino Manuel Caracol Guerreiro.

Fazem anos em Agosto:

Em 1, o sr. Joaquim Paulino Santana.

Em 3, as sr.ªs D. Ivone Nunes Correia, e D. Noémia Mestre Pires e o menino Júlio Pereira Nunes, residente em Lisboa.

Em 4, o sr. Bráulio Viegas Esteves.

Em 5, o sr. Abílio Jorge Coelho.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção o nosso particular amigo sr. Dr. Maurício Monteiro, que se encontra em Quarteira a passar a época balnear.

— Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Laura Esiquiel Pinheiro Pinto, deslocou-se a Cabo Verde, de visita a sua filha e genro, o sr. Raul Rafael Pinto, gerente da filial de Loulé do Banco Nacional Ultramarino.

— De visita à sua terra natal, encontra-se em Almancil a passar uma temporada, o nosso prezado assinante sr. José de Sousa Café, considerado comerciante em Caracas.

— A passar as férias em casa de seus pais e sogros, encontram-se em Loulé a menina Maria Hégia Albino e as sr.ªs D. Lisete Correia Albino e D. Etelvina Maria Coelho Albino, esposa do nosso prezado conterrâneo sr. Filomeno José Correia Albino, sargento da aeronáutica.

— De visita a suas sobrinhas, encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Francisca Dias da Piedade Formosinho.

CASAMENTOS

Na igreja de S. Francisco, em Faro, teve lugar, no passado dia 8 do corrente, a cerimónia do enlace matrimonial da nossa conterrânea sr.ª D. Isilda de Barros Santos, com o sr. Júlio Gonçalves Cachaco, proprietário, residente em Faro.

Apadrinharam o acto por parte da noiva seu tio sr. António do Nascimento Santos e a sr.ª D. Henriqueta Espadinha Rocheta e por parte do noivo o sr. Manuel Francisco Guerreiro, sócio da firma Cachola & Guerreiro, Lda., desta vila, e sua esposa sr.ª D. Maria José Cachola Guerreiro.

Após a cerimónia foi servido aos convidados um finíssimo «copo de água» na vivenda dos noivos na Estrada da Penha, em Faro, onde fixarão residência.

Endereçamos-lhes os nossos parabéns e formulamos votos de muitas felicidades.

GRANDE BAIXA

em tanques lava roupa: 75\$00 cada

Lava-louças em marmorite de vários tamanhos:
Desde 75\$00 a 120\$00

Azulejos brancos de 2.ª a 1\$25 cada
» » » 3.ª » \$90 »

Louças Sanitárias a Preços sem concorrência

Casa João de Oliveira

Avenida Marçal Pacheco

LOULÉ

Notícias do Louletano

e suas actividades desportivas

SECÇÃO ESPECIALMENTE DESTINADA AOS LOULETANOS RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

CICLISMO

VALÉRIO CLARA, DO LOULETANO, FOI O GRANDE VENCEDOR DO FESTIVAL DO DIA 5, NA PISTA DE LOULÉ

No festival de pista organizado pelo Louletano no passado dia 5 do corrente, foi apresentada ao público uma equipa de independentes do Clube, tendo como chefe de fila o já consagrado corredor Delfim Baptista, vencedor de várias provas na Venezuela.

Quatro ciclistas do Louletano e oito do Ginásio de Tavira, alinharam para a prova de 100 voltas para independentes. A representação do Ginásio, composta por uma equipa bastante forte e homogénia, imediatamente começou a lançar ataques, ora por um, ora por outro dos seus ciclistas. Aos louletanos, em inferioridade numérica, competia a defesa e esta fazia-se de forma inteligente e superiormente orientada por Baptista que viria a demonstrar, não só a sua classe de corredor feito como ainda a sua competência para chefe de fila.

Em determinada altura, o ciclista do Ginásio, Virgílio Nunes, da, bem como o taviense Luís Gonçalves; o poletão não reagiu e os fugitivos adelantaram meia volta. Os tavienses, com 2 corredores na fuga contra 1 do Louletano, não atacaram; Baptista, confiado no valor de Valério, não só tentou a recuperação como impediu o seu colega de equipa, Manuel Coelho (Besouro), de continuar uma perseguição que chegou a encetar. E assim, não foi difícil aos 3 ganharem a volta de avanço. Foi, então, a partir desta altura, que Baptista demonstrou a sua real competência para chefe de fila ao dispensar uma tão cuidada e inteligente protecção a Valério, que viria a proporcionar a este corredor a vitória final.

Os corredores do Ginásio continuaram a atacar, no intuito de isolarem na frente mais 1 ou 2 dos seus ciclistas, ou deslocarem Valério dos seus companheiros fugitivos; mas Baptista, Besou-

Novos assinantes

Publicamos hoje com muito agrado mais uma lista de novos assinantes, prova evidente do interesse que «A Voz de Loulé» vem merecendo à estima e consideração dos seus cada vez mais numerosos leitores.

Pela gentileza da deferência, os nossos agradecimentos aos Ex.ªs Srs.:

Joaquim Mendes de Sousa Romelro, José do Carmo Lopes, Rogério de Sousa Martins, Luís António Pires, José Coelho Guerreiro, Manuel Filipe Carrusca Viegas, Ezequiel Martins Rodrigues, José de Sousa Claesca, José João Baptista Velhote, J. Gonçalves Grosso, Alberto Pires Lopes, Abel Santos de Matos, Francisco Inácio de Sousa, José Inácio de Sousa, Joaquim Corpas Rocheta, Joaquim F. Aleixo, Hugo Valério Castanho, Manuel de Magalhães Aleixo e José Manuel Fernandes Rocheta, residentes em Loulé; Virgílio Marum Costa, residente na Funcheira; José Nicolau Ramos, Fundão; Manuel Guerreiro, Tunes-Gare; José de Jesus Simão, Val de Vargo; Fernando Guja, Alte; António Francisco Lourenço, Salir; Dr. Manuel dos Santos Serra, Boliqueime; Venâncio Correia e Gentil Pereira, de Almancil; Virgolino Vieira de Sousa, Vila Franca de Xira; Fernando José Correia Nora de Apra (Loulé); David Grade Dias, José Guerreiro e Vitorino Inácio João, Lisboa; António João Pereira e Manuel Francisco, André Pires Pingui-nha, Ameixial; Háduido da Silva Xabregas Santos, Seia; Manuel Guerreiro Catarino, Moita do Ribatejo; Alberto Jacinto Ferreira, Oihão; Daniel Leal Viegas, Quatro Estradas (Loulé); António Guerreiro Caetano, Salir; Joaquim Manuel Cabrita Neto, Dr. António da Costa Contreiras, Dr. José Ventura Duarte, António da Palma Telxela e Vitorino Vieira Cavaco, de S. Bartolomeu de Messines.

LOULÉ

Comunicação

José Sebastião, solteiro, maior, trabalhador, residente na República Argentina, em Cale Sarmiento, na povoação de Escobar, vem, para os devidos efeitos comunicar que ficam revogados todos os poderes conferidos na procuração que outorgou à Senhora Francisca Candeias, solteira, maior, doméstica, moradora no sítio dos Barrigões, freguesia de Salir do concelho de Loulé, pois constituiu único procurador, seu irmão Manuel Sebastião, casado, trabalhador, residente na Ameixial.

ro e Carlos, com uma perfeita conjugação de esforços, anularam todas as tentativas dos tavienses.

Na penúltima volta, Valério, bem colocado por Baptista e Besouro, arrancou logo ao toque da sineta e veio a cortar a meta em brilhante vencedor, seguido na roda por Virgílio Nunes e Luís Gonçalves.

Dos restantes corredores, que se envolveram numa queda quando seguiam para o «sprint» final, não puderam completar a corrida os tavienses Sérgio Páscoa e Alcide Neto, e o louletano Manuel Coelho (Besouro).

Os que terminaram a prova obtiveram as seguintes classificações: João Carlos, 4.º; Ermínio Correia, 5.º; Delfim Baptista, 6.º; João Bárbara, 7.º; António Romeira, 8.º, e Victor Lourenço, 9.º.

No domingo, dia 12, organizou o Ginásio de Tavira, com colaboração das equipas do Loulé «ano, um festival na sua pista último da série de festivais que aquele Clube, e o Louletano organizaram antes da Volta a Portugal.

Para a última prova de 100 voltas em linha para independentes, alinharam todos os ciclistas que representarão o Ginásio e o Louletano na próxima «Volta».

Custa-nos falar desta prova, pois ela veio a terminar de forma que em nada dignifica os corredores do Louletano, desprestigando até o Clube que representam.

Só um corredor do Louletano terminou a corrida — Virgílio Viegas — que se portou galharda e desportivamente! Bravo Virgílio Viegas! Se te portares sempre assim, serás um verdadeiro desportista!

A Direcção do Ginásio e o público taviense, souberam acari-nhar e aplaudir a actuação daquela corredor louletano, como era merecedor, em face das desistências dos seus companheiros de equipa.

Sabíamos que Delfim Baptista iria alinhar em precárias condições físicas, só o fazendo por ser cabeça de cartaz do festival, e que dificilmente completaria a prova. Sabíamos, também, que os restantes ciclistas tinham ordem dos seus orientadores para não se exporem muito, evitando alguma queda que pudesse comprometer a sua participação na Volta; mas isso não chega para justificar as desistências, especialmente aquelas que faziam a sua apresentação de independentes, só porque a equipa do Ginásio — mais forte e homogénia, sem dúvida, conseguiu isolar, em poucas voltas após a desistência de Baptista, 4 dos seus representantes.

Perder com honra e de cabeça erguida não é vergonha para ninguém, pois nem sempre as maiores honras vão para o vencedor, e que o diga Virgílio Viegas — o corredor mais vitorioso na pista do Ginásio!

Muitas mais considerações desejáramos fazer mas não as julgamos necessárias, pois sabemos que os ciclistas do Louletano são briosos e saberão, na primeira altura, fazer esquecer a má impressão.

(Continuação na 3.ª página)

Despedida

Maria Adriana Travassos de Sousa Pedro e Teodoro de Sousa Pedro despedem-se, por este meio, de todas as pessoas amigas e conhecidas a quem, por falta de tempo, não tiveram oportunidade de cumprimentar pessoalmente, e oferecem os seus préstimos em Ponta Delgada (Açores).

Estabelecimento Termal

das

Caldas de Monchique

Estância Termal para tratamento de Reumatismo, Moléstias da Pele e dos Aparelhos respiratórios, digestivo e circulatório. Estância climática essencialmente repoussante para os doentes de sistema nervoso

Época termal, aberta de 1 de Junho a 30 de Setembro

Instalações mais modernas de todo o País

Vista parcial de Salir, cujo casario branco realça do esverdeado tapete que a cerca, destacando-se no ponto mais alto a torre da Igreja Matriz



SALIR e os seus problemas (2)

Para o prosseguimento da importante reparação da estrada Loulé-Salir acaba de ser destinada, pelo Estado, com a comparticipação da Câmara, a quantia de 896 contos. Isto significa apenas 6 quilómetros numa estrada de 18 que há cerca de 20 anos vem carecendo de completa reparação. E no entanto sintoma de que os trabalhos vão continuar. Depois da 6.ª fase virá por certo a 7.ª, 8.ª, etc., até a obra ficar concluída.

A população de Salir ficou satisfeita por saber desta nova dotação mas lamenta que as obras não sejam iniciadas em sentido contrário, isto é: de Salir para Loulé, de forma a que ficasse convenientemente arranjada a malfadada Rua da Carreira, cujo deplorável estado de abandono confrange quem por ela tenha que transitar. Além disso serve de ligação com a Estrada Nacional 124 e é, praticamente a única rua da povoação, onde ficam situados, portanto, quase todos os seus estabelecimentos e se efectua a venda de peixe. O pó que se forma no verão e as enchurradas no inverno são o martírio de todos os habitantes daquela rua e de todas as pessoas que por ela são obrigadas a passar.

Por tudo isto, a população de Salir veria, com a mais grata satisfação, que fossem feitas diligências no sentido de se conseguir que os 6 quilómetros de estrada a reparar tivessem o seu início na Rua da Carreira.

Outro problema que está afligindo a população de Salir (e este ainda com mais acuidade) é o do abastecimento de água potável, pois a mais acessível é a de um poço de chafurdo que não oferece um mínimo de higiene e donde a água é tirada com vasilhas imundas tanto pelos ciganos que acampam nas proximidades como por outras pessoas menos escrupulosas.

Pediram-nos que chamássemos para este facto a atenção das entidades competentes para que ao menos fosse feita uma cobertura no poço e mantido em sua volta um mínimo de higiene.

Estas precárias condições em que a população de Salir se abastece de água, e que ultimamente têm plorado, datam de há muitos meses ou talvez anos e no entanto às entidades competentes ainda não foi dado conhecimento de que a água está suja e imprópria para consumo.

Despreendimento de quem devia zelar pela saúde pública ou apenas falta de verba para manter a água de um poço em condições de salubridade?

Seja como for, o que é certo é

AVISO

A gerência da Casa Natal, de Mendes & Mendes, Lda., especializada em artigos para criança e a 1.ª aberta nesta Vila, a fim de evitar confusões, informa o Ex.º Público — e em especial os seus Ex.ªs Clientes — que não aluga nem empresta quaisquer artigos do seu comércio por tal ser anti-higiénico.

que a população de Salir merece e precisa ter água potável, pelo menos com um poço coberto, já que a construção de fontanários está mais demorada do que se supoz quando em 1955 se iniciaram os trabalhos de pesquisa de água, que importaram em 112 contos e foram coroados de pleno êxito com a abertura do 5.º furo feto no sítio do Olho. Esse facto provocou grande júbilo porque se julgou que finalmente seriam iniciadas as obras para abastecimento de água à sede da freguesia.

Entretanto decorreram 4 anos e mais nada foi feito apesar de a água ter sido considerada pelas entidades competentes como puríssima e em quantidade mais do que suficiente para as necessidades.

Portanto, Salir espera e confia em que esse problema seja encarado e resolvido pelas entidades oficiais com a urgência que o caso requer. E agora com um pouco mais de esperança pois sabe que foram iniciadas as pesquisas de água em Alte e sabe que as 2 localidades estão englobadas num plano de conjunto que visa o abastecimento de água canalizada à maioria dos sítios circunvizinhos da sede da freguesia cuja importância justifique a obra a realizar.

Pela nossa parte fazemos votos por que Salir veja muito em breve concretizada uma das suas mais prementes e legítimas aspirações.

J. B.

Carteira perdida

Perdeu-se uma carteira, na Fonte Santa, com valores e documentos insubstituíveis e de grande necessidade.

A quem a achou agradece-se o favor de entregar (ou mandar) no Posto de Loulé da G. N. R., mesmo sem o dinheiro que continha.

Madrinhas de Guerra

Da Índia Portuguesa escrevem o sr. César Vaz de Almeida Barros (marinheiro-radiotelegrafista — Estação Rádio Naval de Goa — Bomboline — Índia Portuguesa) pedindo-nos que tornemos público o seu desejo de se corresponder com uma algarvia que, como Madrinha de Guerra, o ajude a minorar a saudade da distante terra natal, acrescentando que preferiu «A Voz de Loulé» para este pedido devido à simpatia e consideração que lhe merecem as algarvias. Outro tanto acontece com 2 seus amigos que igualmente se encontram a prestar serviço militar naquele longínquo pedaço da terra portuguesa, e que são: José Manuel de Oliveira Marreiros — 1.º cabo 13/57 — B. C. Além-Tejo — 1.ª Companhia — Forte de Aguarda — Goa — Índia Portuguesa, e José Henrique Borralho — 1.º cabo 399/E. B. C. — Além-Tejo — C. C. S. — Velha Goa — Índia Portuguesa.

Com o mesmo objectivo também nos escreve o sr. Florival Cabrita Nobre, soldado n.º 316/59 do Esquadrão Auto T. T. — Grupo de Dragões de Moçambique — Caixa Postal 277 — Lourenço Marques.

ARTIGOS DE PRAIA

VEJA O SORTIDO DA

Casa Bambi

em FATOS DE BANHO para senhora e criança

Praça da República, 94

LOULÉ